

PREVISÃO E PASSAGEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CAUSALIDADE EM A EVOLUÇÃO CRIADORA

Yasmin Haddad

Mestranda, PUC-Rio

Bolsista Capes/CNPQ

Resumo: O conceito de causalidade aparece em diversos momentos na obra do filósofo Henri Bergson em oposição às ideias de criação e de espontaneidade. Nesse artigo, investigaremos o uso do conceito de causalidade na obra *A evolução criadora*, delimitando seu alcance e sua insuficiência para a explicação de um mundo caracterizado por atos espontâneos e por uma criação ininterrupta de novidade.

Palavras-chave: Henri Bergson, Causalidade, Evolução criadora.

Considerações iniciais:

Ao longo da história da filosofia, a noção de causalidade foi largamente discutida: desde Aristóteles (o conhecimento científico foi definido, entre outras maneiras, como o conhecimento das causas) passando por Hume (a inferência de causas seria a única maneira de ultrapassar as evidências fornecidas pelos sentidos e pela memória) até a filosofia contemporânea. As questões que concernem a ideia de causalidade estão sempre em vias de

discussão e problematização. A proposta do presente artigo é a de retomar a noção de causalidade conforme apresentada em *A evolução criadora*, pelo filósofo Henri Bergson, discutindo seus desdobramentos e possíveis problematizações ao longo da obra em questão.

Como ponto de partida, assumimos a seguinte hipótese de trabalho: atribuímos relações de causalidade no mundo para compreender o seu funcionamento ou, no vocabulário bergsoniano, percebemos o mundo material como contínuo, quando, na realidade, trata-se de pura descontinuidade. Compreende-se por causalidade, inicialmente, a relação direta que conecta dois eventos, A e B. Há uma relação causal quando se diz que B ocorre em decorrência de A ou quando “o causa”, ou ainda, quando B é a consequência de A. Precisamos da atribuição da causalidade no mundo descontínuo para poder agir nele, e, em última instância, sobreviver. A própria tarefa da ciência é a de estabelecer relações entre eventos na medida em que tenta prevê-los, estabelecer regras de inferência e antecipar determinados comportamentos ou acontecimentos. Esta hipótese da percepção de continuidade aparece em uma das descrições de *Matéria e memória*: de maneira simplificada, o mundo material é descontínuo, mas o hábito, resultado de determinadas repetições, faz com que o percebamos como contínuo em uma operação conjunta entre consciência e memória:

O papel teórico da consciência na percepção exterior, dizíamos nós, seria o de ligar entre si, pelo fio contínuo da memória, visões instantâneas do real. Mas, na verdade não há jamais instantâneo para nós. Naquilo que chamamos por esse nome, existe já um trabalho de nossa memória, e conseqüentemente de nossa consciência, que prolonga uns nos outros, de maneira a captá-los numa

intuição relativamente simples, momentos tão numerosos quanto os de um tempo infinitamente divisível.¹

Em outras palavras, a consciência e a memória contraem o hábito e as repetições que resultam em uma percepção de continuidade, de relações diretas entre causa e efeito no mundo material, onde a instantaneidade é simplesmente impossível à nossa consciência.

Ora, em *A evolução criadora* (escrita cerca de dez anos depois de *Matéria e memória*) a tese da descontinuidade da matéria é reapresentada - não mais à luz da percepção da consciência, mas à luz dos conceitos de evolução e de novidade. Isso se faz a partir de uma crítica às teorias finalistas e mecanicistas sobre a vida. Por um lado, "a essência das explicações mecânicas, com efeito, consiste em considerar o porvir e o passado como calculáveis em função do presente e pretender assim, que tudo está dado."² Por outro lado, o finalismo "implica que as coisas e os seres não façam mais do que realizar um programa já traçado. Mas se não há nada de imprevisto, nada de invenção nem de criação no universo, o tempo torna-se novamente inútil."³ Em certa medida, é possível aproximar a tese apresentada em *A evolução criadora* da doutrina finalista, reaproveitando alguns de seus aspectos e reconstruindo uma teoria da evolução e da vida não mais visando um fim determinado, mas possuindo uma determinação inicial, a saber, o que Bergson chama de *élan vital* (impulso vital). Se considerarmos uma doutrina finalista radical como a de Leibniz, por exemplo, a existência de uma harmonia pré-estabelecida é absolutamente necessária para que todos os outros elementos de seu sistema possam fazer sentido entre si. Trata-se de uma harmonia que existe de fato, e não de direito. No caso de Bergson, sua tese se aproxima mais do finalismo na

¹ BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo ao espírito*. p. 76.

² BERGSON, H. *A evolução criadora*. p. 42

³ *Ibidem* p. 43

medida em que essa harmonia é repensada não como existindo de fato, mas de direito, o que abre a possibilidade de um sistema que se recria, se refaz, se reinventa. Em última análise, o que nos interessa é pensar o resultado positivo dessa crítica, ou seja, a solução apresentada na obra para o problema entre a descontinuidade da matéria, a evolução e a criação de imprevisível novidade, levando em conta as considerações sobre causalidade.

Aspectos da percepção de continuidade: previsão, inteligência e ação.

Para tentar esclarecer melhor algumas questões acerca da dupla contínuo-descontínuo, introduziremos dois conceitos importantes, a saber: inteligência e ação. Segundo Worms, “A inteligência é então a faculdade que certos seres vivos possuem (seres humanos) de agir sobre a matéria por meio de utensílios e de conhecer certos objetos por intermediário de suas relações, antes de tudo, de conhecer a matéria por meio do espaço”.⁴ Ambas conectadas entre si, a inteligência se mostra de maneira ininterrompida: trata-se de uma adaptação às condições de existência no mundo material. A inteligência existe apenas na medida em que visa uma ação: pensamos para agir, para efetuar uma modificação no mundo, seja instintiva ou intencionalmente. Não se trata de fazer uma apologia à inteligência ou à suposta racionalidade humana: muito pelo contrário, é necessário compreender a insuficiência da inteligência e reverter a ênfase dada à ela pelas teorias evolucionistas precedentes. Não se trata, tampouco, de uma operação crítica negativa ou da reconstrução de uma teoria evolucionista com bases científicas. O que está em questão para Bergson é uma análise das condições de uma vida criadora, sempre positiva, e não

⁴ WORMS, Frédéric. *Le vocabulaire de Bergson*. p. 34.

mecânica e obediente a leis necessárias. Ou seja, a vida em si ou as condições que tornam a vida possível não podem ser explicadas apenas pela presença da inteligência. Sua função é a de prever formas, ajustar a percepção para tornar o mundo material habitável pelo conhecimento, visando a sobrevivência. Mas há algo que transborda essa inteligência e diz respeito à tese de que por meio da inteligência só é possível conceber o que Bergson chama de “relevo e profundidade”, ou seja, relações espaciais, desconsiderando relações temporais; em outras palavras, a apreensão da duração.

Ao explicar a vida pela inteligência, estreita-se excessivamente a significação da vida; a inteligência, pelo menos tal como a encontramos em nós, foi moldada pela evolução ao longo do trajeto; recorta-se em algo mais vasto ou, antes, não é mais que a projeção necessariamente plana de uma realidade que tem relevo e profundidade.⁵

A inteligência compreende as explicações do que é inerte, mas é insuficiente na compreensão daquilo que é vivo, pois considera apenas o que existe no espaço, na materialidade, na descontinuidade - e não o que ocorre na duração. A percepção do contínuo é apenas a percepção da matéria na duração – a consideração de um tempo que dura, e não de um tempo moldado pelas determinações físicas do espaço. Essa tese apresentada em *Matéria e memória* se aplica diretamente na crítica à inteligência presente em *A evolução criadora*, de maneira mais prática:

Quer se trate da vida do corpo, quer da do espírito, [a inteligência] procede com o rigor, a rigidez e a brutalidade de um instrumento que não era destinado a semelhante uso. (...) Só estamos à vontade no descontínuo, no imóvel,

⁵ BERGSON, H. *A evolução criadora*. p. 57



no morto. A inteligência é caracterizada por uma incompreensão natural da vida.⁶

O que poderia, então, ser o elemento que transborda a inteligência, eventualmente sendo a possibilidade de uma vida positiva e criadora, ou, o que faz com que a realidade seja criação contínua de novidade? Para compreender esse elemento é preciso considerar a ação, inseparável da inteligência, seguida da ideia de uma repetição. A função fundamental da inteligência é a de moldar, contrair hábitos e antecipar, operar uma previsão de uma ação possível no mundo material: é o que Bergson chama de “estabelecer relações”.

(...) o próprio corpo vivo já é construído para extrair das situações sucessivas nas quais se encontra as similitudes que o interessam e responder assim às excitações com reações apropriadas. Mas há uma enorme distância entre uma espera e uma reação maquinais do corpo e a indução propriamente dita, que é uma operação intelectual. Esta repousa sobre a crença de que há causas e efeitos, e de que os mesmos efeitos se seguem às mesmas causas.⁷

A crença na causalidade é o que torna a inteligência útil e prática na questão da sobrevivência. É a possibilidade de aprender uma relação entre dois eventos e, em uma ocasião posterior, poder antecipá-la, prevê-la. No entanto, essa repetição não é possível de fato, mas apenas no abstrato.

A repetição, portanto, só é possível no abstrato: o que se repete é tal ou tal aspecto que nossos sentidos e sobretudo nossa inteligência destacaram da realidade justamente porque nossa ação, para a qual todo o esforço de nossa inteligência está voltado, só pode mover-se em meio a repetições. Assim, concentrada sobre aquilo que se repete,

⁶ Ibidem p. 179

⁷ Ibidem p. 233.

unicamente preocupada em soldar o mesmo ao mesmo, a inteligência desvia-se da visão do tempo. Repugna o fluente e solidifica tudo o que toca. Nós não pensamos o tempo real. Mas nós o vivemos porque a vida transborda a inteligência.⁸

Analisaremos agora o que torna essa repetição possível e em que medida ela pode ser considerada para compreender uma teoria da evolução no âmbito de uma filosofia positiva.

Desdobramentos positivos da crítica à inteligência: passagem e duração

Embora a inteligência e a ação sejam inseparáveis e indiscutivelmente essenciais à sobrevivência (pelo estabelecimento de relações causais sem as quais uma continuidade útil do mundo não seria apreendida e não tornaria ações possíveis sobre o ambiente), não são suficientes na explicação do desdobramento da vida no contexto de uma evolução.

As teorias evolucionistas presentes até o momento sempre se concentraram em explicar padrões que se repetem: a adaptação a um ambiente é, tanto no lamarckismo quanto no darwinismo, repetição de padrões de sucesso de um ser vivo em seu ambiente. As adaptações, no entanto, parecem ter se concentrado apenas naquilo que se replica e que se reproduz, e não nas exceções às regras da sucessão de espécies. A questão proposta por Bergson se formula da seguinte maneira: porque não pensar uma evolução das exceções,

⁸ BERGSON, H. *A evolução criadora*, p. 50.

das diferenças, dos comportamentos divergentes, ao invés de pensar uma evolução dos caracteres que se repetem através das gerações de espécies? Pensar a repetição de padrões não como idêntica, mas como diferindo a cada acontecimento que se reproduz. A tese que sustenta essa ideia, de maneira simplificada, se resume a partir ideia de que um evento qualquer só pode se repetir exatamente de maneira idêntica quando considerado apenas no espaço, mas não no tempo. O exemplo escolhido por Bergson para ilustrar essa situação é o de uma panela com água fervendo sobre um fogareiro: é possível prever que o mesmo recipiente de ontem, nas mesmas condições hoje de calor, temperatura, etc. fará com que água ferva se aquecido pelo tempo suficiente, mas apenas porque trata-se de um objeto espacial, concebido pela nossa inteligência e imaginação como apenas espacial e então, transponível para uma situação posterior:

De fato, quando digo que minha água colocada sobre meu fogareiro irá ferver hoje como o fazia ontem, e que isto é de uma absoluta necessidade, sinto confusamente que minha imaginação transporta o fogareiro de hoje sobre aquele de ontem, a panela sobre a panela, a água sobre a água, a duração que se escoia sobre a duração que se escoia (...) Mas minha imaginação só procede assim porque fecha os olhos a dois pontos essenciais. Para que o sistema de hoje pudesse ser superposto ao de ontem, seria preciso que esse último tivesse esperado aquele, que o tempo se tivesse detido e que tudo se tivesse tornado simultâneo a tudo: é o que acontece em geometria, mas apenas em geometria.⁹

Não se trata apenas de transpor formas ou comportamentos integralmente replicáveis, mas de compreender como surge a diferença intensiva deles na duração. O exemplo simples de uma panela sobre o fogo resume o problema da insuficiência da inteligência. Outro exemplo é o da

⁹ BERGSON, H. *A evolução criadora*, p. 235.

questão das formas geométricas: são idealmente possíveis, mas são precisas demais, sempre devem ser reajustadas ao real. Não há triângulos perfeitos na natureza. Ao invés de pensar em uma replicação de padrões, Bergson propõe a noção de tendência: “Pois a vida é tendência, e a essência de uma tendência é desenvolver-se na forma de feixe, criando, pelo simples fato de seu crescimento, direções divergentes entre as quais seu *élan* irá repartir-se.”¹⁰ Uma tendência não se caracteriza pela sua repetição em determinados padrões de vida, mas em seu desenvolvimento a partir de seu começo absolutamente original, sua força vital para passar de seu estado enquanto “*gérmen*” a uma tendência de vida. É isso que ultrapassa o dualismo mecanicismo *versus* finalismo: a vida não procede por fatos dados ou previamente determinados, mas sim, por tendências, por insinuações. A inteligência falha em nos mostrar a mudança qualitativa permanente de uma tendência, sempre em transformação, pois não é suficiente na apreensão da duração. O que está na origem de uma tendência, então, é o que Bergson chama de *élan vital*.

Por fim, incluiremos a ideia de passagem para compreender diversos tipos de mudanças qualitativas anteriormente confundidas por mudanças quantitativas em teorias sobre a evolução. Esse é o ponto central apresentado no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (BERGSON, 1888) e ainda analisado em detalhes em *Matéria e memória*. A falta de precisão em delimitar falsos problemas de problemas verdadeiros vem em grande parte da inabilidade e falta de cautela em distinguir uma diferença de natureza, quando é compreendida como sendo apenas uma diferença de grau. Em um ensaio intitulado *A concepção de diferença em Bergson* (DELEUZE, 1956), o filósofo Gilles Deleuze formula essa questão de maneira precisa:

O que Bergson censura essencialmente a seus antecessores é não terem visto as verdadeiras diferenças

¹⁰ Ibidem p. 109

de natureza. (...) Se a filosofia tem uma relação positiva e direta com as coisas, isso somente ocorre na medida em que ela pretende apreender a coisa mesma a partir daquilo que tal coisa é, ou seja, em sua diferença interna. (...) É nesse sentido que as diferenças de natureza são já a chave de tudo: é preciso partir delas, é preciso inicialmente, reencontrá-las.¹¹

Quando Bergson fala em tendência, compreende-se que ela surge sempre de uma diferença de natureza, e não de grau, entre dois indivíduos dentro de uma mesma espécie, ou seja, de uma diferença intensiva que por algum motivo abriu lugar para fazer parte do processo vital de um indivíduo. Por esse motivo Bergson rejeita o aspecto repetitivo de teorias evolucionistas, tentando resgatar um sentido de repetição mais original, ou seja: uma repetição abstrata que difere a cada momento em que está presente na duração. Ora, se a cada diferença que surge existe a possibilidade de se tornar uma tendência, e se cada linha de vida é feita por tendências, temos um certo esclarecimento acerca da noção de novidade:

Mas, agora, se nos perguntassem porque e como essa marcha está implicada nesse elã, responderíamos que a vida é, antes de tudo, uma tendência a agir sobre a matéria bruta. A direção dessa ação sem dúvida não é predeterminada: de onde a imprevisível variedade das formas que a vida, ao evoluir, semeia por seu caminho.¹²

Considerações finais:

¹¹ DELEUZE, G. “A concepção da diferença em Bergson.” p. 96

¹² BERGSON, H. *A evolução criadora*. p. 105.

A questão da evolução não deve ser pensada apenas em termos de uma passagem de caracteres evolutivos adquiridos entre gerações, como nos mostraram teorias científicas acerca da evolução. Essa explicação, enquanto tal, serve para o propósito da ciência: prever comportamentos, poder defini-los a posteriori, etc. De um ponto de vista filosófico, a questão precisa ser repensada: trata-se, para Bergson, de considerar as diferenças qualitativas que surgem ao longo do processo e formulando uma teoria da vida a partir de exceções, e não de regras. Essas exceções, no entanto, só podem ser compreendidas como originais na medida em que se analisa criticamente certos aspectos anteriormente presumidos como os mais importantes à evolução das espécies, como por exemplo, a inteligência. Quando pensamos em passagem, trata-se de uma passagem entre dois planos diferentes da duração, e não do espaço, e é isso que possibilita a imprevisibilidade, a novidade. Pois o que é passível de repetição perfeita, é aquilo que é apenas transponível no espaço, e “acontece em geometria, mas apenas em geometria”.

Bibliografia:

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
Tradução: Bento Prado Neto.

_____, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 10, 1988. Tradução de: João da Silva Gama. Disponível em: <https://www.academia.edu/4097207/BERGSON_Henri_Ensaio_sobre_os_dados_imediatos_da_consciencia>. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. 10. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2013. Édition critique dirigée par Frédéric Worms.

_____, Henri. *L'énergie spirituelle*. Paris: Éditions Payot Et Rivages, 2012.

_____, Henri. *L'évolution créatrice*. 12. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2013. Édition critique dirigée par Frédéric Worms.

_____, Henri. *La pensée et le mouvant*. 17. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2013.

_____, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo ao espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução Paulo Neves.

_____, Henri. *Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit*. 8. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. Édition critique sous la direction de Frédéric Worms.

DELEUZE, Gilles. *La conception de la différence chez Bergson*. In: DELEUZE, Gilles. *L'île déserte: Textes et entretiens 1953-1974*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002. p. 43-72.

LAPOUJADE, David. *Puissances du temps: Versions de Bergson*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2010.

RAVAISSON, F. *De l'habitude*. Disponível em : < http://www.editions-allia.com/files/pdf_192_file.pdf > Acessado em : 10/08/2014.

SOULEZ, Philippe; WORMS, Frédéric. *Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

WORMS, Frédéric. *La philosophie en France au XXème siècle: Moments*. Paris: Gallimard, 2009.

WORMS, Frédéric. *Le vocabulaire de Bergson*. Paris: Ellipses, 2000.